

A memória da leitura e a escrita da história

Prof^a. Dr^a. Raquel Beatriz Junqueira Guimarães¹ (PUC Minas)

Resumo:

*Propõe-se um estudo sobre o modo como o escritor articula, em declarações públicas, as reflexões sobre a leitura, sobre o seu modo de ler e de escrever, ou seja, sobre como escreve suas memórias de leitura e as consequências desse fenômeno para a criação da imagem de leitor que interroga a tradição e a escrita da história literária. Pretende-se estudar o depoimento do escritor mineiro Fernando Sabino, intitulado **Autocrítica de Fernando Sabino**, originalmente publicado na revista **Manchete**. Trata-se de um texto com dicção de crônica e ensaio. Com um início altamente poético, o texto parece tomar um tom confessional, oferecendo ao leitor a possibilidade de se deparar com um texto de memória, de natureza literária. Entende-se que os depoimentos podem ser lidos como um modo de o indivíduo formar uma imagem de si, que pretende tão acabada quanto possível, e que supõe revelar uma identidade, por ser uma forma de escrita do eu, e, como tal, uma tentativa de ajustar o olhar do outro ao olhar que lança sobre si mesmo.*

Palavras chave: Memória, Leitura, história literária

1 Introdução

Desde nosso estudo de mestrado dedicamo-nos à questões relativas à constituição da memória da leitura. No trabalho, publicado em 2002, apresentamos o resultado de nossa investigação sobre a obra memorialista de Pedro Nava (GUIMARÃES, 2002). Na tese de doutorado, publicada recentemente (GUIMARÃES, 2012), analisamos cenas de leitura das obras *Balão Cativo*, de Pedro Nava, e *Infância*, de Graciliano Ramos, com o intuito de aprofundar as análises sobre os modos em que se concretizam a escrita da memória de leitura. Partimos de cenas de leitura presentes nos textos literários com a intenção de estudarmos as concepções sobre o que é o leitor em uma obra literária e como o escritor analisa e compreende a tradição literária brasileira e universal, como se deu a formação de leitor do escritor e como são evidenciadas escolhas estéticas do escritor a partir de suas memórias de leitura.

Nosso interesse pela matéria prosseguiu e, atualmente, estamos nos dedicando a analisar depoimentos, entrevistas e reportagens realizados por (e com) escritores na mídia impressa. Pretendemos, com esses estudos, observar outro modo de escrita da memória de leitura: aquela realizada pelo escritor em cena e veiculada através da mídia. O que pretendemos fazer, em síntese, é discutir a articulação entre os depoimentos dos escritores e a escrita da história da literatura. Por isso, neste momento, estamos nos dedicando a pesquisar o modo como o escritor articula, em declarações públicas, as reflexões sobre a leitura, sobre o seu modo de ler e de escrever, ou seja, sobre como escreve suas memórias de leitura e as consequências desse fenômeno para a criação da imagem de leitor que interroga a tradição e a escrita da história literária.

Este artigo é a primeira formulação de nossa pesquisa intitulada “Escritores em Cena”. Em sua primeira fase estamos estudando os depoimentos de escritores mineiros sobre sua condição de leitor e as relações que, nesses depoimentos, estabelecem entre essa condição e o ofício de escritor e de jornalista e o modo como eles se inserem na série literária a que se filiam. Temos como matéria privilegiada para análise os depoimentos de escritores apresentados na mídia impressa, particularmente na revista *Manchete*.

2 *Manchete* literária

A revista **Manchete** é constituída, pelo que pudemos perceber no acervo ao qual já tivemos acesso, de inúmeras reportagens que têm como personagem, importantes escritores brasileiros. Nela, vários escritores assinam colunas semanais tais como **Sala de Espera**, de Fernando Sabino, **Conversa Literária**, de Paulo Mendes Campos, **Duas Páginas**, de Rubem Braga e as mais de vinte reportagens intituladas **Os escritores falam de sua terra**, publicadas durante o ano de 1957, nas quais temos depoimentos de Jorge Amado, Ledo Ivo, Thiago de Melo, Guimarães Rosa e tantos outros.

Nas páginas da revista **Manchete**, a presença dos escritores pode ganhar, ainda, vários outros contornos mais específicos como a reportagem “O encontro de gerações”, publicada na edição número 841. Trata-se de reportagem analítico-crítica que oferece ao leitor uma aproximação dos artistas da década de 1960 com os modernistas de 22. Também em **Manchete** podem ser vistos vários textos jornalísticos sobre escritores, como a extensa matéria sobre Eça de Queirós (edição 995), mesmo exemplar no qual pode ser lida uma surpreendente entrevista com Bráulio Pedroso. Nela, o escritor analisa a novela **Beto Rockefeller** e a aproxima da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A revista é também um arquivo privilegiado de atividades desenvolvidas por escritores, que foram sendo gradativamente esquecidas, como é o caso dos curiosos e profundos **Diálogos possíveis com Clarice Lispector**.

Esse pequeno, mas significativo, conjunto de exemplos nos confirma, pelo menos inicialmente, a hipótese de que **Manchete** reúne um importante arquivo de memória de leitura dos escritores brasileiros, escrita em suas páginas, e memória dos ofícios experimentados pelos escritores (repórteres, cronistas, colunistas). Reúne, também, o registro de como os escritores foram construindo seu pertencimento a grupos literários diversos. Supõe-se que o estudo desse fenômeno que é aparentemente jornalístico descortine muito do que é a História da escrita da literatura brasileira, e a própria história da literatura, principalmente dos escritores do século XX. Entre esses escritores encontra-se Fernando Sabino e sua *Autocrítica*, que será aqui comentada mais detalhadamente.

O levantamento aqui apresentado ganha especial relevância quando se lê o artigo de Henrique Pongetti, primeiro diretor de **Manchete**, que em seu artigo “Tudo começou como uma bela e louca aventura” confessa:

Não podendo competir com o volume de matéria da revista dominante eu só poderia tomar um caminho jornalístico: as reportagens originais, as fotos de impacto, **a grande colaboração literária**, a alta caricatura, os serviços fotográficos exclusivos das agências estrangeiras. Muito menos, mas muito bom. (PONGETTI, 1977, 3-24. Grifo nosso)

Depoimento como esse confirma a intencionalidade editorial da revista ao elaborar seu quadro de colaboradores. A colaboração de literatos foi planejada. É o que informa Dirceu Torres Nascimento, ao contar a história da revista:

Como colaboradores conseguimos a fina flor: Carlos Drummond de Andrade, Guilherme de Figueiredo, Raymundo Magalhães Jr., Rubem Braga, Joel Silveira, Orígenes Lessa, Marques Rebelo, Otto Maria Carpeaux, Olegário Mariano, Cyro dos Anjos, Antonio Callado, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Lígia Fagundes Teles (...) e vários outros. (NASCIMENTO, 1977, 24-30)

Essas informações evidenciam o engajamento editorial da revista com a escrita literária dos autores brasileiros, claramente demonstrada na galeria de colaboradores acima descrita por Nascimento.

Os elementos aqui apresentados nos fazem considerar que a partir do estudo dessa inserção

dos escritores na revista **Manchete** podem-se estabelecer observações importantes a respeito do que chamamos de memória de leitura no Brasil, a partir do que foi lido pelos escritores, de como se dava a prática da escrita literária nas páginas da revista e do modo como circulou a informação e a literatura. Assim, podemos ter, por meio das páginas da revista **Manchete**, a possibilidade de estabelecermos o que os escritores que nela apareceram e escreveram pensam sobre a literatura do país, e o modo como a revista destacava determinados escritores e os motivos desse destaque.

Essa discussão certamente reflete a constituição do cânone literário, e em particular determinadas classificações literárias, sempre tão provisórias e por vezes, inclassificáveis. Esther Maciel em seu livro **As ironias da ordem** discute os problemas e os limites das classificações e a provisoriedade delas e ressalta a importância do que é inclassificável: “o que não pode ser definido nem qualificado com precisão”. Para ela

o inclassificável poderia também ser associado à idéia de ubiquidade. Isso porque muitas vezes chamamos de inclassificável aquilo que é passível de ser inserido (mesmo que provisoriamente) em vários lugares ao mesmo tempo, dada a diversidade muitas vezes contraditória de seus traços. (MACIEL, 2009, p. 15).

Os estudos literários feitos pela autora a partir das impossibilidades de classificação instigam, por si só, aquilo que ora pretendemos empreender. Assim, a partir das reportagens que tratam das histórias individuais de leitura, não classificáveis, a nosso ver, pretendemos descrever o fenômeno da memória de leitura e, a partir dele, pensar questões da história literária. Também não exatamente classificável são os textos aos quais nos dedicaremos. Sendo matéria jornalística, estão escritos em linguagem literária, e circulam em suporte efêmero. Ainda assim, aparecem como inscrição literária, de modo a constituir o que se chama de jornalismo literário, e ao mesmo tempo são textos confessionais, um modo de apresentação da escrita de si, tal como os diários e as autobiografias, e por vezes, estabelecem até mesmo um certo pacto autobiográfico como é o caso do que ocorre com a Autocrítica escrita por Fernando Sabino. Algumas destas matérias se aproximam, também, de ensaios. Assim, diante de seu caráter essencialmente híbrido, esses textos ficam completamente fora da possibilidade de uma classificação definitiva.

3 . Fernando Sabino e sua Autocrítica

O escritor mineiro Fernando Sabino escreve sua autocrítica falando sobre seu ofício. Trata-se de um texto com dicção de crônica e ensaio. Com um início altamente poético, adquire um tom ora confessional, ora crítico, ora teórico, oferecendo ao leitor a possibilidade de se deparar com um texto de memória, de natureza literária, e ao mesmo tempo jornalístico. Embora predomine o caráter informativo-reflexivo, no texto todo o cronista se apresenta e o escritor trata-se como um personagem de si, inclusive demonstrando isso no tom reflexivo que adota.

Compartilhamos a opinião de teóricos da literatura que compreendem que “entrevistas em programas de televisão, reportagens de jornal, declarações em eventos, resenhas, biografias, fotos em revistas – tudo isso compõe o *texto do autor*. Um texto que é veiculado paralelamente à própria obra.”(SANTOS E OLIVEIRA, 2001, p. 16.). Poder-se-ia pensar que, por se tratar de matéria jornalística de um tempo distante, a informação ali contida teria perdido valor ou a possibilidade de novidade. Supõe-se, entretanto, que a informação, tomada em outro tempo, considerada agora como arquivo da memória, pode oferecer novidades para a leitura da produção literária de um determinado período. Para isso, o texto da revista, especificamente os de natureza de depoimentos, antes considerado quase que exclusivamente como matéria de jornal, poderá ser lido, em outro tempo, como uma construção narrativa. É o que parece comprovar o início da Autocrítica de Sabino.

São onze horas da noite. Uma noite quente, está fazendo um calor insuportável. Vou até a janela, fico a olhar o edifício fronteiro. Posso ver uma mulher gorda e de camisola se preparando para dormir. Em outras janelas vejo vários moradores, conversando, fumando, lendo jornal, olhando televisão ou simplesmente se deixando viver. Uma moça, no terceiro andar, solta os cabelos em frente ao espelho e depois vai à cozinha, de onde volta chupando uma laranja. No andar superior, um velho e um menino. O menino lê uma revista. O velho, só de calça de pijama está estirado num sofá, mãos atrás da cabeça, a olhar áticamente o teto. Em que estará pensando? Fazendo talvez, a sua autocrítica? É um edifício imenso, cheio de gente em seus cubículos, gente de toda espécie de todas as idades. A quantidade de buracos negros ou iluminados que daqui posso ver, habitados por tantos seres humanos como eu, acaba por me deprimir, trazendo-me certa sensação de angústia. Volto-me, caminho até o centro do quarto. Aqui debaixo da luz chegou a minha vez de ser visto. Agora quem quer que olhe de sua janela poderá assistir com indiferença ao espetáculo banal de um homem nem velho nem moço, nem alto nem baixo, nem gordo nem magro, nem alegre nem triste, pela décima vez se sentando diante da máquina para tentar a inquietante aventura de escrever sobre si mesmo. (SABINO, 1967, p. 145)

Este é o início da Autocrítica de Fernando Sabino publicada em **Manchete** de março de 1967. Trata-se de um depoimento dividido em 9 partes, separadas por asteriscos, que adquire ares de crítica literária, autobiografia, escrita da memória da leitura. No texto aparecem temas como a vaidade do escritor, a cobrança sobre a escrita de um novo romance, a questão da memória e o fato de não ele ser um escritor que não compôs um único verso. Nela, o autor, que frequentava assiduamente as páginas de **Manchete** desde sua fundação, encena a dificuldade de escrever e aparentemente revela o que significa para o escritor a preparação para a escrita (“como sempre a palavra escrita me aborrece na hora de começar”); discute a dimensão temporal do ato de escrever, e afirma que “quer um original limpo e caprichado”, por isso limpa os tipos da máquina. A cena da limpeza da máquina de escrever é emblemática, pois o escritor, através dessa imagem, demonstra sua preocupação com a clareza: “Gostaria de escrever palavras bem simples, diretas, exatas, curtas e grossas.”

Se percorrermos a **Autocrítica de Fernando Sabino** podemos observar que diversos modos de escrita da memória da leitura aparecem nesse depoimento: a demonstração de amizade, a lembrança de nomes de escritores preferidos, a memória residual originada na audição repetida de um verso. Assim, coabitam um mesmo texto reflexões que incidem sobre a discussão do cânone literário e outras que trazem novas luzes para se pensar outros modos de elaboração e circulação da memória literária individual e coletiva.

No capítulo da lembrança dos escritores amigos estão aqueles com os quais é confundido (Rubem Braga e Paulo Mendes Campos), os que foram “deixados em Minas” (Murilo Rubião, Eitene Filho, Emílio Moura e Elói Lima), e aqueles com os quais se entende à distância (Luís Coelho, João Leite, Érico Veríssimo, Ciro dos Anjos e Carlos Castelo Branco). Ainda entre os amigos mencionados, há os diletos companheiros aparentemente próximos tais como Otto Lara Rezende, Paulo Mendes Campos, Marco Aurélio Matos, Castejon Branco, Autran Dourado, Rubem Braga, Vinícius de Moraes.

A partir de lista como esta, verifica-se um gesto fraterno, uma demonstração pública de amizade. Junto com ele, inscrito nas páginas de uma grande revista semanal, já consolidada na década de 1960, vem um importante movimento de divulgação de nomes de nossa literatura, que se já conhecidos, têm sua fama e importância confirmadas pelas palavras do escritor Fernando Sabino.

Mas a citação de escritores-amigos não se esgota nessa confissão de aproximação fraterna. Há amigos conselheiros, como é o caso de Mário de Andrade:

Eu tinha que jogar tudo para abrir estrada larga e franca, como me aconselhava gravemente Mário de Andrade em uma de suas cartas: não ter contemplações para comigo mesmo, não escorregar apenas, mas cair de quatro, quebrar a cabeça. Ir até o extremo de mim mesmo, não blefar, ser exatamente do meu tamanho – nem maior, nem menor. Para isso, não bastava apenas ser sincero ou espontâneo: teria de adquirir, nas palavras de Mário, “pelo sofrimento perfeito da vida, uma coisa muito mais nobre do que a espontaneidade e muito mais espiritual que a sinceridade: uma convicção. (SABINO, 1967, p. 147)

Há amigos tais como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira de quem o escritor é leitor. Entre os escritores brasileiros mencionados pode-se elencar, ainda, Artur Azevedo e José Cândido de Carvalho.

No caso desses outros escritores, nota-se, para além da amizade, respeito à produção literária. Embora o interesse não fosse ordenar a importância dos amigos na tradição literária, fica clara a maior importância dada a Mário, Drummond, Bandeira Azevedo e Carvalho.

Além desses brasileiros, amigos ou não, Fernando Sabino menciona, também, escritores estrangeiros canônicos como é o caso de Henry James, Dostoiévski, Joyce, Joseph Heller, Nabokov, Durrel, Lorca, Saul Bellow.

Como nos interessa, particularmente, o modo como a memória de leitura é escrita, é fundamental descrevermos, também, como esses escritores são referidos na Autocrítica de Sabino. Dentre estrangeiros, iniciemos por Henry James. Sabino afirma: “Li as novelas de Henry James de ponta a ponta, para um dia acabar descobrindo, nas obras maiores, que o gênio do romance moderno era um chato.”

Confissão importante, pois demonstra o quanto conhece o escritor e o quanto não aprecia (mais) sua obra, pelo menos é o que parece querer afirmar o uso do qualificativo “chato” deste depoimento. Sobre os demais, Dostoiévski é referido como “o maior entre os romancistas”; e Joyce, dono de uma obra prima. Joseph Heller, Nabokov e Durrel são escritores “capazes de impressionar”. A impressão sobre Saul Bellow, parece se aproximar da que se tem sobre James, pois Sabino afirma que o livro **Herzog** traz preguiça.

Essas citações, a nosso ver contribuem para rever o conceito de autores considerados importantes, ou mesmo canônicos, como no caso de James e Bellow. Em outros casos, o escritor, junto com a confirmação de que leu importantes autores, como Dostoiévski, a um só tempo avaliza a posição do escritor no cânone ocidental e sugere a leitura de sua obra, pois o considera “o maior”. Nesse processo de divulgação dos escritores que estão sendo lidos, pode-se também perceber o mesmo com a menção feita a Joseph Heller. Sabino considera impressionante, por exemplo, a obra **Catch 22**. Considerada uma das maiores obras literárias do século XX, **Catch 22** é reverenciada e divulgada por meio do depoimento de Sabino. Efeito contrário pode ocorrer com **Herzog** de Bellow. Considerado livro que oferece preguiça, provavelmente, a divulgação de leitura não colaborará com a construção da reverência à obra.

Ainda no capítulo das lembranças de autores estrangeiros, consideramos importante a referência à Lorca. Em sua alusão a Lorca, Sabino se refere ao fato de Braga insistentemente repetir o verso *La luz del entendimiento me hace ser mui comedido*:

Hoje, já havendo entrado firme na casa dos quarenta, foi-se-me, como diria Janio Quadros, qualquer veleidade de acreditar que “La luz del entendimiento me hace ser mui comedido” – verso de Lorca que me ficou na cabeça de tanto ouvi-lo resmungado por Rubem Braga. Agora, a falta de entendimento é que modera prudentemente os meus impulsos. (SABINO, 1967, p. 146)

Citado fora do contexto, em um depoimento público, o verso pode ser compreendido como uma espécie de circunscrição, mas ao procurarmos a origem dele na obra de Lorca, nós o localizamos no poema “La casada infiel”. Na cena poética, o homem demonstra seu comedimento em não comentar o fato de ter levado a moça casada para o rio e com ela ter mantido uma relação sexual. A discricção do homem é a favor dele, em uma situação clandestina, portanto. Assim podemos verificar um efeito da escrita da memória da leitura: criar um novo contexto para a obra lembrada.

A menção ao ato de lembrar de um verso pelo resmungo de outrem é, também, importante ser analisada, pois ela pode significar a memória como um resíduo. Neste caso, o resíduo se torna texto. A memória de leitura, ao tornar-se escrita, pode vir a ser feita, como neste caso, de pequenos resíduos do convívio entre as pessoas e das pessoas com os livros. Desses resíduos tornados textos, emerge memória individual e coletiva.

Voltemos aos escritores brasileiros para nos determos à significativa menção a Artur Azevedo. O escritor fala que gostaria de ter um de seus textos publicados em uma antologia com o conto **O plebiscito**, do autor. Se tomarmos o conto e o analisarmos em comparação com o ritmo de certas crônicas de Sabino, poderemos observar uma espécie de eco formal de um em outro, o que significa que a memória de Artur Azevedo, e de sua obra, se encontra, de certo modo, presente na de Fernando Sabino e o recoloca em cena, não só através da citação feita pelo escritor em **Manchete**, mas também, pelo exercício de linguagem efetuado pelo escritor mineiro.

Passei a vida me preparando para me tornar um romancista. Seria ridículo negar que aprendi alguma coisa do meu ofício de escritor. Posso dizer que consegui dominar razoavelmente meu instrumento de trabalho, do qual, aliás, tiro a máxima parte do meu sustento. Sou bom datilógrafo, sei ainda aquele resto de gramática, alguma coisa de ortografia. Gastei resmas e resmas de papel escrevendo o que quer que fosse que me ensinasse a me exprimir através da palavra escrita, desde o caso mais gaiato à novela mais pretensiosamente literária. Com isso não fiz propriamente uma obra, senão algumas histórias curtas, ditas crônicas cujo maior mérito será talvez o de uma delas poder um dia vir a figurar em antologias ao lado de **O plebiscito**, de Artur Azevedo – o que não chega a ser uma grande pretensão. (SABINO, 1967, p. 146)

Além desses efeitos surgidos da escrita da memória da leitura neste depoimento, podemos ainda perceber que os escritores servem também como paradigmas, conforme já vimos o caso de Artur Azevedo: no caso paradigma de qualidade que se pretende alcançar. Caso diferente desse é o comentário feito sobre **Dostoiévski**: “Escrever romance para quê, depois de **Dostoiévski**? Para ser lido por quem? Tenho horror à nouvelle vague.” (SABINO, 1967, p. 147). Esse comentário crítico vem para justificar o fato de não ter escrito um segundo romance. Dostoiévski é um paradigma inalcançável, insuperável, o que justifica, portanto, não escrever romances.

Conclusão

A leitura da Autocrítica de Fernando Sabino nos oferece a possibilidade de percebermos alguns dos diversos modos de aparecimento da escrita da história da memória de leitura entre os escritores: ora como algo claro, nítido, ora como um resíduo, distante. Outra importante percepção é o modo como as confissões de preferência do escritor-leitor são constituídas. Em alguns momentos, o escritor-leitor reitera a importância dos clássicos, como ocorre com a menção a Dostoiévski e outros tidos como autores de obras-primas.

Mas os escritores consagrados podem ser criticados. No depoimento de Sabino, esse é o caso de

Henry James, a quem avalia como um chato. Nessa mesma direção está, a nosso ver, a referência a Joyce. Segundo Sabino, embora se trate um outro gênio do romance, sua obra prima **Ulisses** é insuportável. Ele diz:

Outro gênio do romance me derrotou: não consegui ler **Ulisses**, apesar de três obstinadas tentativas, que me levaram tão somente até aquela impenetrável discussão sobre Hamlet na biblioteca: um doce para quem, além de Antonio Houaiss, me explicar de que se trata. E, como os demais que me afirmam ter lido o livro todo, e não somente o monólogo final, não preciso ir até o fim para saber que se trata de uma insuportável obra prima. (SABINO, 1967, p. 147)

Esse modo aparentemente despretensioso ao se referir a Joyce, parece contribuir para diminuir a legibilidade da obra, o que não ocorre com a menção feita a Dostoiévski, por exemplo. A crítica a um escritor consagrado, vem acompanhada da legitimação a um autor novo. É o caso da obra **O coronel e o Lobisomem**, de José Candido de Carvalho, lançado em 1964, e considerada ótima pelo leitor Fernando Sabino.

Outro aspecto que consideramos importante é a retomada de autores e obras como é o caso da citação descontextualizada ao verso de Lorca, e a reverência a Artur Azevedo. Nos dois casos, o leitor do depoimento de Sabino pode se interessar por conhecer a obra referida e pode encontrar elementos novos e não previstos pelo escritor mineiro.

Aliado a todo esse processo de legitimação de autores, recuperação de obras, apresentação de escritores-mestres e conselheiros, deve-se destacar a importante, extensa e insistente legitimação fraterna de amigos-escritores aludidos na Autocrítica. Por esses percursos escreve-se a um só tempo a memória de leitura de um sujeito-escritor e um modo particular de perceber e compreender a história da literatura, seu cânone, suas novidades.

Referências Bibliográficas

- 1 GUIMARÃES, Raquel. **Pedro Nava, leitor de Drummond**. Campinas: Pontes, 2002. 102p.
- 2 GUIMARÃES, Raquel. **Rastros da leitura, trilhas da escrita**: o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos. Campinas: RG, 2012. 190p.
- 3 LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 404 p. (Humanitas)
- 4 MACIEL, Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- 5 NASCIMENTO, Dirceu Torres. "História". **Revista Comunicação**, rio de janeiro, ano 6 (22), 3024, 1977.
- 6 PONGETTI, Henrique. "Tudo começou como uma Bela e louca aventura". **Revista Comunicação**, Rio de Janeiro, ano 6 (22): 3-24, 1977.
- 7 SABINO, Fernando. "Autocrítica de Fernando Sabino". **Revista Manchete**. Rio de Janeiro: 11/03/1967. Ano 14 – n. 777. p. 144-147.

8 SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 101p. (Textos e Linguagem)

iAutor(es)

Raquel GUIMARÃES, doutora

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
raquel.beatriz@oi.com.br